

# AS AGROINDÚSTRIAS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CHAPECÓ

*Rosa Salete Alba\**

## Resumo

O presente texto tem por finalidade expor o processo de formação do espaço urbano de Chapecó. Busca-se uma análise econômica com o olhar, sobretudo, nas agroindústrias, principal agente de desenvolvimento econômico do lugar.

Observa-se que a partir da complexificação das atividades industriais, comerciais e de serviços é gerada a complexificação urbana como um todo. A História e a análise do papel do Estado são objetos importantes para nos mostrar a atuação dos diferentes agentes que comandam o processo de urbanização.

**Palavras-Chave:** Urbanização, agroindústrias e desenvolvimento econômico.

## 1. Introdução

Chapecó é uma cidade com aproximadamente 146 mil habitantes, localizada numa região essencialmente agrícola, no Oeste do Estado de Santa Catarina. Conheceu o seu processo de urbanização a partir dos anos 70 e é hoje considerada pólo regional pela sua importância econômica e por abranger diferentes atividades capazes de atender a demanda das demais cidades da região Oeste.

---

\* Mestre em Geografia (UFSC) e Professora do curso de Geografia do Campus - Chapecó.

As agroindústrias em Chapecó podem ser consideradas o principal agente econômico de desenvolvimento do município e de boa parte da região Oeste de Santa Catarina. Elas formaram um sistema hegemônico regional de produção, determinando a estrutura urbana e principalmente rural, com o objetivo de garantir o seu funcionamento e atender à demanda por elas criadas.

Com o contínuo processo de desenvolvimento das agroindústrias ocorreu uma série de transformações na área urbana de Chapecó. Mudanças que fazem parte de uma totalidade e que para serem compreendidas devem ser analisadas também num contexto geral, ou seja, no contexto da modernização agrícola desenvolvida no Brasil após os anos 50; nas ações do Estado como fomentador para implantação das políticas de modernização e, mais recentemente, na necessária estruturação interna das empresas diante do processo da globalização, que gera transformação, não apenas nas empresas e no urbano, mas também nos espaços agrícolas.

O presente texto tem por finalidade apontar e mostrar este processo de desenvolvimento e a dinâmica de formação do urbano de Chapecó, além da dinâmica estabelecida pelas agroindústrias no espaço agrícola de Chapecó e região, pois entende-se que espaço agrícola e espaço urbano, neste caso, fazem parte de uma mesma realidade de desenvolvimento regional.

Esta análise é baseada em Milton Santos (1993, p. 52) que diz que a

[...] cidade torna-se o locus da regulação do que se faz no campo. É ela que assegura a nova cooperação imposta pela nova divisão do trabalho agrícola, porque obrigada a se afeiçoar às exigências do campo, respondendo às suas demandas cada vez mais prementes e dando-lhe respostas cada vez mais imediatas. Como o campo se torna extremamente diferenciado pela multiplicidade de objetos geográficos que

o formam, pelo fato de que esses objetos geográficos têm um conteúdo informacional cada vez mais distinto. [...] tudo isso faz com que a cidade local deixe de ser a cidade no campo e se transforme na cidade do campo.

O texto segue uma análise fundamentada na Geografia Econômica, que busca entender as configurações do espaço geográfico de acordo com as transformações econômicas, sociais e políticas.

Quando se faz uso do conceito de desenvolvimento limita-se apenas ao desenvolvimento econômico, ou seja, o crescimento do capital comandado sobretudo pelas agroindústrias. Não é possível, neste momento, analisar o processo de exclusão social desencadeado por esta mesma lógica.

## **2. Os agentes históricos da produção urbana de Chapecó**

Chapecó é hoje um pólo de atração populacional e de determinadas atividades econômicas. Um breve levantamento histórico permitirá compreender de que materialidade o seu espaço urbano foi sendo construído.

Chapecó deve ser analisada na ótica da expansão capitalista. O início de sua história é parte de um projeto de colonização feito pelo governo estadual que objetivava ocupar todo o Oeste de Santa Catarina, considerado pelas autoridades da época como um vazio demográfico.

O então governo do Estado de Santa Catarina, após término dos conflitos entre Paraná e Santa Catarina e também entre o Brasil e a Argentina pela posse das terras pertencentes ao atual Oeste de Santa Catarina, criou o município de Chapecó, através da lei nº 1.147 de 25 de agosto de 1917, juntamente com mais 3 municípios (Mafra, Porto União e Cruzeiro, hoje Joaçaba) (BELANI, 1989). O território de Chapecó ficou, na época, com uma área de aproximadamen-

te 14.000 Km<sup>2</sup>, sendo hoje boa parte da região pertencente ao atual Oeste de Santa Catarina.

Devido aos conflitos para definição desses territórios, a participação do governo estadual e federal até os anos 40 foi muito pequena. Naquela época os meios de transportes eram muito lentos e as estradas eram precárias, o comércio e o acesso aos hospitais eram igualmente precários.

Sendo assim, até os anos 40 as empresas colonizadoras tiveram um papel destacado para efetuar a colonização do município. A abertura de estradas, a venda das terras, a organização dos povoados e vilas, etc., esteve mais por conta dessas empresas do que do Estado. A colonização estruturou-se através de pequenas propriedades, conjugando-se os diversos interesses: das companhias colonizadoras - venda das terras; do Estado - ocupar área vista como vazio demográfico; e dos colonos - ter acesso a terra (RENK, 1991). Assim, leva de agricultores do Rio Grande do Sul deslocaram-se para a região, adquiriram suas pequenas propriedades, constituíram família, juntamente com o sonho de enriquecer.

É de fundamental importância ressaltar a presença da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, que passava na região do Rio do Peixe, construída a partir de 1908. Segundo Pimenta (1996), a estrada de ferro impulsionou a colonização da região, sendo que a mesma se constituiu num meio de transporte para o escoamento da produção agrícola e para o transporte de pessoas, entre os estados de São Paulo e o Rio Grande do Sul, principalmente.<sup>1</sup>

O confronto da disputa do poder político foi revelado através da presença de novos elementos econômicos na região: os antigos grupos extrativistas florestais (madeireiros e ervateiros), representados por antigos moradores, e os novos grupos ligados às empresas colonizadoras. A partir da década de 30, diminuiu o "mandonismo

local", a política comandada pela atividade colonizadora foi conquistando espaço, obedecendo aos interesses estaduais e federais.

É neste contexto que os personagens ligados ao comércio local - donos de casas comerciais - começaram a se destacar no cenário político da região Oeste de Santa Catarina. É o caso de Atílio Fontana, de Concórdia, Saul Brandalise de Videira e Plínio Arlindo De Nês, de Chapecó, que assumiram cargos políticos nos seus municípios e posteriormente na esfera estadual e também federal, barganhando melhorias na infra-estrutura da região e que diretamente beneficiaram os seus negócios.

A colonização em Chapecó e região foi feita em tempo do capital, isto é, o capital já se apresentava na sua fase madura. A região Oeste, neste sentido, é apenas o receptáculo de novas relações de produção. Novas, para a região mas, no entanto, são relações velhas que buscavam a expansão para novos espaços que pudessem dar continuidade à acumulação capitalista que já vinha se realizando em outros locais. É por isso, que do ponto de vista do capital, os índios e caboclos, que habitavam a região, devido às suas relações de produção primitivas, nada mais tinham para oferecer, conseqüentemente foram expulsos de suas terras pela força, ou gradativamente eliminados do processo.

Os agricultores (migrantes do Rio Grande do Sul) que aí se instalaram, estabeleceram um tipo de propriedade diferente das anteriores, adaptaram-se às normas que o capital, de então, exigiu: compra e venda da terra, regularização da propriedade privada, produção de subsistência, com vendas de excedentes para o comércio local, intermediado por alguns comerciantes. A terra que era, anteriormente, um bem coletivo, passou a ser um objeto de compra e venda, um meio de produzir renda, de produzir capital. Ela deixou de ser exclusivamente natureza

e fonte de alimentos para se transformar em capital, que gerou a riqueza das empresas colonizadoras e dos comerciantes que estabeleceram relações comerciais com os agricultores. E foi através dessas relações capitalistas, adaptadas às especificidades do lugar, que foi possível a acumulação e a concentração do capital necessário para a implantação das agroindústrias que posteriormente se desenvolveram na região.

As pequenas propriedades foram de fundamental importância para formar a base e desenvolver o capitalismo no campo. Elas operavam através de relações de parentesco, ou seja, através do trabalho familiar – os próprios membros da família atuavam na produção, e produziam o excedente para o capital comercial e mais tarde para o capital, agroindustrial.

Antes mesmo do surgimento dos atuais frigoríficos, já existiam os de menor porte, tendo como objetivo a produção de carne e de banha, principais produtos derivados dos suínos. Aos comerciantes, que faziam o intercâmbio entre agricultores e consumidores da região, ou mesmo de São Paulo, foi possível a acumulação de capitais e a fundação de alguns frigoríficos de grande porte, presentes hoje na região. A concorrência fez com que as maiores empresas absorvessem as menores, aumentando a concentração e a centralização do capital, fazendo do Oeste uma região de oligopólios agroindustriais. Esta centralização continuou aumentando dos anos 80 até os dias atuais. Segundo informações do CEPA, citado por Giese (1991, p. 27), “no início da década de 70 existiam 23 frigoríficos em Santa Catarina. Na década de 80, restaram apenas sete grandes frigoríficos, incluindo as cooperativas”.

### **3. A presença do Estado na organização do espaço geográfico**

Neste processo de formação histórico-espacial de Chapecó e região deve ser levada em consideração a presença do Estado como “[...] aparelho territorial e agente de socialização das relações de produção” (LOJKINE, 1981, p. 91).

A presença do Estado foi fundamental para a implantação de políticas para o desenvolvimento da agricultura, processo que iniciou com a chamada modernização agrícola. A partir dos anos 50 foi iniciada a implantação do serviço de extensão rural e o crédito supervisionado. Com o objetivo de atender à necessidade de recursos financeiros e humanos com capacidade de desenvolver os projetos de pesquisa, crédito e extensão rural, é que foram criados diferentes órgãos estatais.

Em Santa Catarina, foram criadas em 1956, a ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina), em 1975 a EMPASC (Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A.), em 1977 a EMATER, em 1979 a CIDASC (Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina), em 1962 o BDE - Banco do Desenvolvimento do Estado, e em 1960 o Banco do Brasil que começa, de maneira informal, a liberar empréstimos. Em 1983 a EMPASC, no Oeste de Santa Catarina, foi transformada em CPPP (Centro de Pesquisa para a Pequena Propriedade). A EPAGRI (Empresa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) foi criada em 1991, após a fusão da ACARESC/EMATER, EMPASC e ACARPESC (FURTADO, 1996).

Além dessas políticas de fortalecimento da base produtiva de Chapecó e região, pode-se perceber a presença marcante do Estado, na melhoria da infra-estrutura rural e urbana.

Em 1963 foi criada, pelo governo estadual, a Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, permitindo, com isso,

grandes investimentos na região, especialmente na infraestrutura, na construção de estradas, pontes, instalação de energia, telefonia urbana e mais tarde a rural etc.

Além dos longos trechos de rodovias, foram feitas também pontes e bueiros, marcando a participação do governo estadual em 1951 com a instalação do Departamento de Estradas e Rodagem - DER.

As ações das empresas públicas foram fundamentais para desenvolver os primeiros trabalhos de higienização do processo produtivo, tanto nas propriedades rurais como nas indústrias, o que resultou num maior aproveitamento dos resíduos industriais, como é o caso da gordura, que segundo Silva (1991), anteriormente era desperdiçada. Paralelamente deu-se o desenvolvimento tecnológico para o uso de melhores maquinários, reduzindo as perdas.

A partir da criação dessas instituições, observou-se uma intensificação nos trabalhos visando o desenvolvimento agrícola, que foi possibilitado sobretudo pelas diferentes políticas e projetos desenvolvidos pelas instituições anteriormente citadas.

A criação da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) igualmente surgiu a partir da necessidade do desenvolvimento do capital. A articulação entre os órgãos estaduais, empresas privadas e universidades estruturou-se num modelo cooperativo de ação, o que implica na subordinação de toda a pesquisa às diretrizes e prioridades definidas pelo capital e desenvolvidas pelo Estado, cujo centro coordenador é a EMBRAPA, através de seus centros nacionais, no caso da nossa região, o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves - CNPSA, localizado em Concórdia.

A exportação de carne suína e de aves também foi mérito do trabalho de inspeção realizado pelo Estado via CIDASC. O fato de Santa Catarina ser considerado o único



estado livre da peste suína e da febre aftosa é resultado do empenho desses órgãos estatais.

Essas políticas do Estado favoreceram diretamente as agroindústrias e têm subjacente o objetivo de fazer com que o capital encontre maneiras de explorar todos os espaços, fazendo uso das características naturais e sociais dos lugares. E ainda, através das políticas de educação e espírito comunitário, - desenvolvido nas comunidades rurais -, conseguem ideologicamente, escamotear as contradições inerentes no próprio sistema. A exclusão e a proletarianização dos demais agricultores, que não conseguem acompanhar as inovações, são explicadas como sendo decorrentes de fatores pessoais e técnicos. Esta é uma maneira de neutralizar as lutas de classes, pois os problemas inerentes do próprio modo de organização são passados aos agricultores como sendo de ordem pessoal dos próprios excluídos.

#### **4. As agroindústrias e as mudanças estratégicas frente ao mercado e à concorrência**

A história das empresas agroindustriais do Oeste de Santa Catarina é bastante semelhante: todas elas tiveram origem na própria região e a partir de descendentes de colonos do Rio Grande do Sul, que migraram para a região no período de colonização.

Chapecó, objeto de nosso estudo, é um dos municípios da região que se destaca neste ramo econômico e que constitui um dos principais elementos que dão sustentação à sua base econômica. Encontra-se em Chapecó três grandes frigoríficos atuantes no ramo de carnes, com forte presença nacional e internacional: Sadia (frigorífico de aves), Chapecó (frigorífico de suínos), Aurora (frigorífico de suínos). Temos ainda a Ceval e a Cooperativa Alfa que atuam no ramo de cereais.

A instalação das Organizações Chapecó ocorreu em outubro de 1952, quando foi constituída a S.A. Indústria e Comércio Chapecó, atual controladora do conglomerado. A Cooperativa Central Oeste Catarinense foi fundada em 15 de abril de 1969, por oito líderes cooperativistas, liderados por Aury Luiz Bodanese, com o objetivo de industrializar e comercializar a produção de suínos dos associados das cooperativas filiadas.

A Sadia Concórdia S.A teve sua origem em 1944, quando Atilio Fontana reativava o Frigorífico Concórdia, na cidade de Concórdia próximo a Chapecó. Os anos 70 foram marcados pela entrada da Sadia no ramo da produção e industrialização de perus, Chapecó foi o local escolhido. Sendo que a Sadia Avícola S.A. foi instituída em 12 de agosto de 1970 e as atividades tiveram início em 1973.

A Ceval instalou-se em Chapecó em 1973 e entrou em operação em 1974. A empresa, na época, comprou a Extrafino Extração e Refinação de Óleos Vegetais S.A., que atuava no ramo de extração e refinação de óleos vegetais e havia se instalado em Chapecó em 1971.

Recentemente a empresa foi adquirida pela Bunge, que é hoje uma grande potência que opera na área de grãos, aves e suínos. Em Chapecó a atuação da Ceval é modesta, restringindo-se apenas ao ramo de óleos vegetais e na extração do óleo bruto da soja (em torno de 160.000 toneladas), sendo posteriormente encaminhado para o refino em outras unidades a fim de obter o produto final.

A Cooperativa Regional Alfa, além da função de recolher, beneficiar, processar e industrializar cereais (feijão, milho, soja e trigo), participa como fornecedora de matéria-prima da Cooperativa Central Oeste Catarinense - Aurora na industrialização de citros, suínos e aves. O leite produzido nas propriedades dos associados é destinado à

AGROMIL, cooperativa ligada à Batavo no Paraná (recentemente vendida para a Parmalat).

As agroindústrias localizadas em Chapecó e região Oeste caracterizam-se pela permanente mudança nas estratégias de produção, objetivando manter-se competitivas no mercado nacional e internacional.

Com a permanente reestruturação e expansão dessas empresas, o espaço geográfico passa a ser o lugar incorporado por elas na forma e no processo de ocupação. Neste sentido, Chapecó faz parte e se transforma segundo as exigências do modo de produção geral e das necessidades específicas das agroindústrias, ali instaladas.

Testa (1996) considera duas fases quanto às características assumidas por este processo.

1. Primeira fase: foi marcada por uma relativa convergência de interesses do setor agroindustrial com os produtores familiares. A incorporação de novos produtores de suínos, até início dos anos 80, deu-se com o objetivo de alcançar e conquistar novos mercados (nacionais e externos) para a carne suína e seus derivados. Os pequenos produtores tinham condições de manter sua produção comercial diversificada, atendendo ao mesmo tempo à demanda da agroindústria.

2. Segunda fase: intensificação da integração formal dos produtores familiares de suínos, através das exigências de mudanças nas formas de produção e comercialização de suínos.

Esta segunda fase foi fortemente marcada pela reestruturação interna das empresas agroindustriais e da própria produção da matéria-prima através de técnicas estrategicamente planejadas. Esse processo foi acompanhado com o aumento da industrialização de novos produtos com maior valor agregado, que foi o caso dos embutidos, cortes especiais e temperados, entre outros, sendo que 75% da carne suína era industrializada.

A avicultura, que teve seu início nos anos 70, diferentemente da suinocultura, não marcou uma ruptura com algum modelo de produção anterior, destinado à indústria. Iniciou-se já com um modelo pronto de produção, com introdução de melhorias tecnológicas no decorrer do tempo, como, por exemplo, a automação dos aviários, em fase mais recente.

#### *4.1 A reestruturação produtiva e a mudança de atuação das empresas de Chapecó*

O investimento em novas embalagens, pesos adequados, combinando-se com as novas linhas de frango temperado, desossado e em partes selecionadas, o controle da qualidade, a elaboração de produtos adequados às necessidades de consumo e o trabalho que abrange desde os aviários até o abate e produção, são inovações que fazem parte das estratégias das empresas para alcançarem maior produtividade.

Como consequência deste processo, pode-se citar:

1. A mudança na cadeia produtiva tem possibilitado a instalação e ampliação de outras atividades industriais periféricas da cadeia agroalimentar.

2. Expansão de capitais da região para outros estados brasileiros, principalmente no Sul e Centro-Oeste, com ajuda de créditos agrícolas.

3. Concentração do capital agroindustrial em apenas cinco empresas, sendo que 70% do abastecimento de derivados e embutidos de carnes para os supermercados brasileiros eram feitos apenas pelas empresas Sadia, Perdigão e Ceval (FOLHA DE SÃO PAULO, 17/11/92).

4. Mudança na estrutura das propriedades agrícolas. De propriedade familiar diversificada, voltada à venda de excedentes (que deu sustentação, num primeiro momento,

à agroindústria) para a modernização das propriedades agrícolas voltadas ao comércio agroindustrial, atendendo às exigências do setor, seguido de um processo de exclusão de agricultores, que não possuem condições, sobretudo econômicas, de adequar sua propriedade às novas necessidades mercadológicas.

O processo de reestruturação das empresas, desenvolvido nas últimas décadas, não é específico apenas das agroindústrias. Esse processo reflete a crise mundial da sociedade capitalista como um todo. Crise identificada com o modelo de produção fordista, que deu o grande impulso à acumulação do capital industrial. As empresas, e o próprio capitalismo, viram a necessidade de encontrar saídas para a crise e ao mesmo tempo retomar o crescimento do pós-guerra.

Conforme Benko (1996, p. 130):

[...] esses processos de reestruturação eram também uma forma de dar respostas às incertezas e instabilidades dos anos 70 e 80: dados os riscos no investimento em imobilizações corporais de usos específicos e que oferecem contrato de trabalho de longa duração, sobreveio uma reviravolta em favor dos modos mais fluídos de detenção das riquezas e uma redução paralela dos compromissos a longo prazo.

Atualmente o objetivo das empresas é trabalhar com máquinas flexíveis que atendam o volume e características requisitadas pelas demandas, diminuindo, com isso, riscos de investimentos, pois reduzindo-se as grandes produções em escala do sistema fordista, pode-se produzir conforme as necessidades do mercado. Tem-se, então, qualidade, agilidade e diversidade com menos tempo e menores riscos, e redução dos custos, principalmente em mão-de-obra.

As agroindústrias passaram a investir mais no seu ramo específico de atuação, o que levou à chamada desintegração vertical. Desenvolveu-se a terceirização de atividades

anteriormente mantidas sob o comando das empresas, repercutindo em diminuição da estrutura produtiva, bem como na criação de novos espaços responsáveis para atender às demandas do mercado de maneira em geral.

Este processo nas agroindústrias acentua-se em Chapecó a partir da década de 80, especialmente 85/86, quando as empresas incorporam o processo de desverticalização empresarial. Uma das primeiras áreas a passar por este processo foi o setor de máquinas - manutenção e assistência. Atualmente todas as agroindústrias trabalham com serviços terceirizados, principalmente nas áreas de manutenção elétrica, pintura, mecânica, vigilância e segurança, restaurante, jardinagem e limpeza, carga e descarga de produtos industrializados e matéria-prima e transporte.

Estas mudanças geraram o desenvolvimento de novas empresas que passaram a atender às demandas das maiores. Como exemplo, na grande maioria, se não em todas as empresas produtoras de máquinas frigoríficas, em Chapecó os seus proprietários eram ex-funcionários das agroindústrias, sobretudo da Sadia, que foi pioneira neste processo. Essa ação na estrutura produtiva teve seus reflexos diretamente na organização espacial de Chapecó.

Objetivava-se na época dar mais ênfase a sua atividade-fim, transferindo a terceiros a execução de tarefas que não estivessem relacionadas com a confecção do produto final, buscando, desta forma, concentrar um maior volume de recursos na sua atividade propriamente dita. Inicia-se a partir daí o processo de terceirização.

Desta forma, as empresas optaram por desativar departamentos ou setores que pudessem ser desenvolvidos por outras empresas. Deste processo surgiram inúmeros prestadores de serviços que, em sua maioria, eram constituídos de sociedades entre ex-funcionários das agroindústrias.

Portanto, as agroindústrias são responsáveis pelo surgimento destas empresas em Chapecó, e em boa parte também pela própria formação de seu saber tecnológico. Conforme entrevista com Nelson Soletti (comunicação pessoal) da empresa RM Indústria e Comércio, quando funcionário da Sadia, no departamento de mecânica e manutenção de máquinas, eram freqüentes as viagens de funcionários para São Paulo, patrocinadas pela empresa, para participar de cursos na área de mecânica.

Os produtos industrializados neste setor são diversos e muitos deles sofisticados, capazes de concorrer com produtos importados como da Alemanha e outros países europeus.

Muitos frigoríficos são totalmente montados com equipamentos fabricados por essas empresas. É o caso do frigorífico de aves da Aurora da cidade de Maravilha, a 100 Km de Chapecó, em que a empresa Montal responsabilizou-se pela instalação e também pela assistência técnica.

O sistema de resfriamento do frigorífico de suínos Aurora de Chapecó (um dos maiores da América Latina, com abate em torno de 3.500 suínos/dia), segundo visita e entrevista na empresa, também foi todo fabricado e instalado pela empresa Madef, de Chapecó.

As empresas têm investido cada vez mais em novos produtos visando atender às exigências dos frigoríficos, investindo na fabricação de máquinas cada vez mais sofisticadas, com redução de mão-de-obra e máquinas mais ágeis. Porém, observou-se que as máquinas mais sofisticadas, necessárias à atual reestruturação produtiva, são importadas principalmente da Alemanha. Neste sentido, usando o exemplo da Sadia para a montagem da fábrica de empanados, foram importadas máquinas capazes de substituir mais de 80% da mão-de-obra.

No ramo de indústrias de máquinas e equipamentos industriais para frigoríficos, encontramos em Chapecó uma

série de empresas que atuam neste setor, e também uma série de outras pequenas empresas que hoje atuam no ramo de fabricação de equipamentos e utensílios mais simples, como é o caso de caixas, armários, carrinhos e outros materiais necessários aos frigoríficos, ou então aos aviários, chiqueiros e outros setores do ramo agroindustrial.

A modernização e reestruturação produtiva dos frigoríficos agroindustriais extrapola a própria linha de produção interna da empresa, necessitando, para tanto, da modernização dos próprios aviários e chiqueiros, produtores de matéria-prima. Nesse sentido, em Chapecó, encontramos apenas uma indústria especializada na produção desses equipamentos - a Edege Equipamentos Agropecuários Ltda - atendendo principalmente o setor de aviários, inclusive com fabricação de equipamentos para aviários automatizados. Porém, encontramos uma extensa linha de mercado atendida por representantes comerciais que atuam no fornecimento desses produtos aos avicultores e suinocultores integrados. Uma das empresas mais atuante neste setor é a empresa Avemarau, representante comercial da Empresa produtora de equipamentos para aviários de Marau, no Rio Grande do Sul.

Temos em Chapecó, também, a presença de várias empresas que atuam na produção de embalagens, sacolas para mercado, rótulos e etiquetas, sendo que a maior parte de sua produção está voltada para atender à demanda das agroindústrias instaladas em Chapecó ou de suas filiais em outras cidades e estados brasileiros.

Esta produção igualmente teve intensificação a partir dos anos 80. Pode-se relacionar este crescimento também às mudanças internas das empresas frigoríficas, que passaram a industrializar seus produtos com maior valor agregado. Novos produtos foram desenvolvidos, necessitando também de novas embalagens, adaptadas aos cor-



tes de frangos e/ou suínos e também aos produtos derivados destes. Os rótulos, embalagens, etiquetas devem obedecer a uma exigência da empresa e devem representar o que há de mais forte na empresa, que é a sua marca.

Outro ramo importante que se desenvolveu a partir das agroindústrias da região é a fabricação de câmaras frigoríficas, furgões, semi-reboques e carrocerias. Essas empresas têm acompanhado as necessidades do mercado e as exigências dos clientes e dos fabricantes de caminhões. A tendência é a fabricação de produtos mais leves para facilitar o transporte de uma maior quantidade de mercadorias, evitando problemas com balanças. Para isso, essas empresas têm buscado a inovação através de novos métodos de elaboração de seus produtos, como por exemplo, novos métodos de pendura, diminuindo a quantidade de ganchos. Para facilitar este processo há a necessidade de aquisição de maquinários que possibilitem a diminuição de mão-de-obra e a diversificação de produtos com maior qualidade em termos de peso e tamanho.

Boa parte do saber técnico para a implantação dessas empresas em Chapecó se originou no interior das próprias empresas agroindustriais, quando detinham o comando da parte mecânica dentro da empresa. Era realizado um trabalho intenso de treinamento dessa mão-de-obra através de cursos, desenvolvidos em Chapecó e, muitos deles em outros centros, como é o caso de São Paulo.

O SENAI, o SENAC e a UNOESC (Universidade do Oeste de Santa Catarina) tiveram papel fundamental para dar sustentação ao aperfeiçoamento, treinamento e profissionalização dos recursos humanos do município e da região.

Na área de informática são inúmeras as empresas que se constituíram nos últimos anos e a grande maioria delas prestam serviços às agroindústrias e às demais empresas anteriormente relacionadas, ligadas ao setor.

O sistema financeiro é outro setor que tem se ampliado muito. Enquanto que nos anos 50 existia apenas um banco (o Banco do Brasil), atualmente Chapecó conta com 14 bancos, alguns deles funcionando com mais de uma agência bancária.

Um outro setor que se desenvolveu foi o de carregamento e descarregamento de mercadorias, o que levou a uma complexificação dessa atividade com a criação de novos postos de trabalho, principalmente o temporário, subemprego que atinge principalmente a mão-de-obra não qualificada.

O transporte dos produtos frigoríficos, na sua maior parte, é terceirizado, feito por pequenas e médias empresas do município ou então por proprietários autônomos de caminhões que fazem o transporte dos produtos.

As empresas transportadoras, ou transportes particulares, possuem uma série de demandas atendidas pelo setor de comércio, fornecendo não só os caminhões, carretas, carrocerias, mas uma série de outros equipamentos como pneus, e outros acessórios, o que levou a desenvolver em Chapecó diversas lojas especializadas. A complexificação desses serviços reflete a demanda dos setores que usufruem dos mesmos, que direta ou indiretamente fazem parte do sistema produtivo.

É importante perceber que atualmente o urbano de Chapecó possui uma complexidade muito grande, trazendo no seu interior uma série de outras indústrias e atividades, que fogem do círculo de atuação das agroindústrias. São empresas que visam atender as necessidades do aumento da população e da expansão econômica de Chapecó.

Sendo as agroindústrias o setor dinâmico da economia de Chapecó, elas determinaram também a localização das empresas responsáveis por atender à sua demanda. A maior parte das indústrias do município, e que estão dentro desta dinâmica, estão localizadas nas proximidades das

agroindústrias, de forma a aproveitar também as principais vias de acesso que servem esta parte da cidade. A maioria dessas empresas estão localizadas nos principais eixos de acesso ou em sua proximidade, facilitando com isso o transporte e também a relação com as demais empresas fornecedoras.

Outro elemento importante a ser registrado é o fato de esta parte da cidade ser a que mais tem crescido em números populacionais, principalmente na parte Oeste, área próxima à Sadia e das novas instalações do Frigorífico Aurora - bairro Efapi. Nesta área é grande o número de novos loteamentos e de novas moradias. Segundo informações do departamento de Planejamento Urbano esta é a parte da cidade que mais tem recebido pessoas nos últimos anos.

## **5. A estruturação do espaço urbano de Chapecó**

O urbano que se formou em Chapecó estruturou uma dinâmica que desencadeou uma grande articulação de diferentes lugares próximos e distantes do território nacional e do espaço global, o que o diferenciou dos demais centros urbanos do Oeste de Santa Catarina.

Verifica-se, portanto, que as agroindústrias instaladas em Chapecó abriram uma série de possibilidades de comunicação entre os lugares. Adaptaram um sistema informacional com capacidade de dar respostas às demandas. Temos, neste sentido, uma conexão espacial entre:

1. Chapecó e outros centros do país e do exterior. Devido à estrutura espacial *frágil* da cidade e região, Chapecó obrigou-se a buscar em outros centros industrializados o suprimento de máquinas e equipamentos e serviços. Muitos destes, os mais sofisticados como muitas das máquinas automatizadas utilizadas pelos frigoríficos e demais em-

presas, têm sua origem principalmente na Alemanha, Estados Unidos, Bélgica e outros países europeus e também do Japão. Outras máquinas e motores são provenientes de outros centros do país, principalmente de São Paulo, Porto Alegre e Joinville.

Na área de transportes também é grande a relação de Chapecó com outras regiões do país, através da venda de furgões, câmaras frias, e na compra da matéria-prima para a fabricação de câmaras frias e máquinas para frigoríficos, como aço, aço inox, ferro, resina e outros produtos como pneus, rodas, eixos, motores, etc.

A linha de embalagens também demanda uma relação grande com outros centros e também com outros países, tanto para aquisição de maquinários para indústria (impressoras, etc.), bem como de matéria-prima, como plásticos e tintas polietileno.

Se essas empresas surgiram com o objetivo de atender à demanda das empresas frigoríficas, por sua vez, também, necessitam ser atendidas por outros setores.

Boa parte dos produtos industrializados e carne *in natura* são comercializados com outras regiões. Além desses produtos frigoríficos, muitos outros têm seu destino para outras regiões do país e do globo, como é o caso das máquinas frigoríficas e também embalagens. Lembrando que em alguns casos esse comércio é facilitado via agroindústria de Chapecó através de suas filiais em outras regiões do país.

2. Numa segunda dimensão, tem-se a relação do urbano de Chapecó com ele mesmo. Vê-se a formação de uma verdadeira rede entre as indústrias médias e pequenas e também estabelecimentos comerciais e de serviços - bancos, informática, vigilância, serviços de jardinagens, serviços de refeitórios, peças, acessórios, pneus, caminhões, etc.

É importante notar que nesta relação, Chapecó marca sua presença também regional, que extrapola os limites do muni-

cípio, pois essas empresas, no caso da Chapecó e Aurora, possuem filiais nos municípios próximos e, no caso da Sadia, a sua matriz é Concórdia. Igualmente esses municípios desenvolveram em menor escala formas de estruturação do espaço para atender à demanda dessas agroindústrias.

Chapecó, sendo um pólo regional, diferencia-se dos demais lugares pela sua capacidade de construir uma materialidade espacial capaz de concentrar uma infra-estrutura necessária mais ampla, possibilitando o desenvolvimento do processo de produção e de circulação (transportes), calçado no atendimento da demanda dos frigoríficos agroindustriais aí desenvolvidos.

3. Uma terceira dimensão espacial de Chapecó, e talvez a mais importante, é a sua relação com o espaço rural. Considera-se mais importante porque foi a reestruturação da produção agrícola que possibilitou a essas empresas se desenvolverem, pois é a produção agrícola a abastecedora de matérias-primas para o funcionamento deste ramo de produção.

Observa-se no espaço geográfico de Chapecó e região uma relação direta com o rural. O urbano só é urbano devido à presença do rural diretamente integrado com ele. Neste sentido, pode-se perceber aquilo que Milton Santos chama de regiões agrícolas e regiões urbanas e não só regiões rurais e cidades (SANTOS, 1993). Observa-se nas regiões agrícolas uma reciprocidade entre os espaços urbano e o agrícola. Um exercendo influência sobre o outro, ou seja, “[...] áreas agrícolas contendo cidades adaptadas e áreas rurais adaptadas às demandas urbanas” (SANTOS, 1993, p. 65).

Nesta visão, a cidade de Chapecó, ao mesmo tempo que se estruturou a partir do rural, equipou-se de instrumentos capazes de atender às necessidades do campo, com máquinas e implementos agrícolas, insumos, adubos, rações, remédios veterinários, equipamentos para aviários e chiqueiros, possibilitando a criação de departamentos comerciais especializa-

dos para atender as propriedades agrícolas, bem como técnicos agrícolas e veterinários.

Chapecó, no espaço regional, mantém e comanda funções de dominação, porém, está também subjugado a uma estrutura maior que é o espaço nacional e global. Como nos diz Milton Santos (1996), hoje os lugares são mundiais, pois obedecem a ações comandadas pelos grandes grupos que as articulam com as ações internacionais.

A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade (SANTOS, 1996, p. 272).

Desta forma, Chapecó, no momento que compõe a sua dinâmica, com os elementos que lhe são próprios – seres humanos, empresas, instituições, atividades agrícolas, formas geográficas – produz o seu cotidiano, ao mesmo tempo esses elementos locais são obrigados a adequarem-se na estrutura que é comandada por agentes que são globais.

No momento em que se abrem as portas para o comércio mundial, há certamente dois fatores estreitamente ligados entre si: há o aumento do comércio mundial, mas com um custo muito maior que é o acirramento da concorrência, obrigando as empresas a adaptarem-se a esse mercado, e ainda sujeitas a serem incorporadas pelos conglomerados, maiores atuantes neste setor, que pode-se aqui exemplificar com a venda das empresas Perdigão, Chapecó e Ceval para grupos maiores e concorrentes no setor da produção agroindustrial.

Tem-se, portanto, aquilo que Milton Santos (1996) diz, que à proporção que os processos de valorização do capital se internacionalizam, o desenvolvimento dessas cidades está mais do que nunca ligado a decisões tomadas em outras cidades, quase sempre distantes. Chapecó, portanto, não pode ser visto isoladamente, pois está submetido ao processo de decisões no conjunto do processo capitalista de produção.

Num grau mais elevado, dá-se aquilo que Marx (1988), já no século XIX, escrevia em seu Manifesto Comunista:

Impelida pela necessidade de mercado sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda a parte, criar vínculos em toda a parte.

Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. [...] As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. [...] No lugar do antigo isolamento das regiões e nações que se bastavam a si mesmas, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma interdependência universal das nações.

Desta forma, as cidades são chamadas a estruturar seus espaços de acordo com as necessidades de uma economia que é globalizada, neste sentido, elas têm que seguir o jogo, onde quem dá as cartas são os atores internacionais. Assim,

[...] o processo de internacionalização das cidades ora em marcha acelera essa evolução, já que a vocação mundial das cidades as envolve num movimento cujo ritmo não é dado apenas pela própria cidade, ou seu próprio país, mas pelas exigências de uma competitividade cuja escala é planetária (SANTOS, 1996, p. 130).

Chapecó, através do desenvolvimento de suas capacidades dinâmicas, através da agroindústria, foi projetada para o exterior, desde os anos 70. Como pode-se ver, foram intensificadas em Chapecó as trocas com outros territórios, tendo a necessidade de “[...] criar e inventar novas estruturas econômicas” (BENKO, 1996).

Chapecó, desta forma, desenvolveu características próprias que a projetaram para fora e ao mesmo tempo vem sendo moldada segundo as imposições do processo de globalização da economia capitalista como um todo.

As contradições sociais, decorrentes deste processo, seguramente são imensas: no setor agrícola verifica-se a *expulsão* cada vez maior de pequenos agricultores que já não são úteis para o sistema, agravando o quadro da completa carência desse setor de trabalho, ou então indo engrossar as fileiras dos desempregados na cidade. No setor urbano, o desemprego e a falência de pequenas e médias empresas é outro fator presente no atual momento.

## **6. Considerações Finais**

Chapecó criou uma estrutura urbana que se desenvolveu a partir de uma região agrícola, que aos poucos equipou-se com objetos capazes de atender às demandas criadas pela estrutura agroindustrial desenvolvida na região e que gradativamente foi projetada para fora e se integrando numa estrutura mundial.

Desta forma, as agroindústrias são responsáveis pela concentração espacial de empresas menores em Chapecó, levando estas a se agruparem em torno de seus clientes. Com o aparecimento desses novos setores, abriu-se a oportunidade para novos estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços, complexificando a malha e a estrutura urbana do município.

A pequena agricultura, com sua produção de subsistência ou comercial, passou a atender às necessidades das empresas agroindustriais. O urbano novamente é o responsável por desencadear essas mudanças agrícolas. Temos então empresas especializadas em vendas de equipamentos para aviários, chiqueiros, medicamentos e outros insumos agrícolas.

Conforme o decorrer deste estudo, percebeu-se que a produção do espaço geográfico ocorreu através da produção do capital; pode-se dizer que os espaços, por mais distantes e separados que estejam, interagem de modo que um determinado local só o é devido sua interação com os demais, ou seja,



são diversos circuitos de produção, em diversos lugares que formam a produção do capital em Chapecó.

Há, portanto, em Chapecó um espaço urbano que se formou a partir do desenvolvimento agroindustrial. Um espaço que está em consonância com as necessidades agrícolas e as necessidades urbanas formadas a partir do desenvolvimento agrícola. As características próprias de Chapecó fizeram com que ela polarizasse as demais cidades próximas, complexificando ainda mais as atividades necessárias para atender a essas demandas.

## 7. Notas

1 A construção desta estrada gerou um conflito que marcou a história da região Oeste de Santa Catarina, conhecido como a Guerra do Contestado, gerada pelo processo de expropriação dos caboclos, moradores da região, pela empresa responsável pela construção da estrada de ferro e colonização da região.

## 8. Referências

BELANI, Eli Maria. Município de Chapecó: legislação e evidências 1919 - 1931. In: *Cadernos de organização da memória do Oeste de Santa Catarina* - CEOM. Chapecó: Grifos, 1989.

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 17 de nov. de 1992.

FURTADO FILHO D. et al. (Orgs.) *Gotas de suor: uma trajetória de 40 anos*. Florianópolis: Epagri, 1996.

GIESE, Bárbara. *A atuação política do empresariado catarinense dos ramos têxteis e agroindustrial: demandas e canais de influência (1970-1985)*. Florianópolis: UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado em Sociologia Política).

HASS, Monica. *Os partidos políticos e a elite chapecoense - um estudo de poder local 1945 a 1965*. Chapecó: Grifos, 1997.

LOJKINI, Jean. *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I - Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. *O manifesto comunista*. São Paulo: Anita, 1988.

\_\_\_\_\_. Para a crítica da economia política. In: *Manuscritos econômicos e outros textos escolhidos*. Seleção de textos por José Carlos Giannotti. Tradução de José Carlos Bruni et. al. (Coleção Os Pensadores), São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PIMENTA, Luís Fugazzola. Cidades pioneiras e modernização no Oeste de Santa Catarina. In: *Seminário de história da cidade e do urbanismo*. Anais IV, 1996, Rio de Janeiro: UFRS/PROURB, 1996. p. 285 - 292.

RENK, Arlene. As representações dos colonos no Oeste Catarinense, a partir dos brasileiros. In: *Cadernos do centro de organização da memória sócio-cultural do Oeste - CEOM - nº 07*. Chapecó: Grifos, 1991.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Por uma geografia nova*. Hucitec: São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Harrysson Luz da. *A gestão do território pelo grupo Sadia no município de Concórdia - Santa Catarina*. Florianópolis, 1991. (Dissertação de Mestrado).

SOLETTI, Nelson. Chapecó, 18 de set. de 1997.

TESTA, Vilson Marco et al. *O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense*. Florianópolis: Epagri, 1996. (Proposta para discussão).

## **Abstract**

The present text has the finality to expose the process of formation of urban space in Chapecó. It search a economic analysis with observation, above all, in the agro-industries - the main agent of economic development about the place. It observes the complex of the industrial and commercial activities, and service, produces the urban complex. The history and the analysis of the work of state are important objects to show us the action in different agents that lead the urban process.

**Key Words:** Urban process, agro-industries, economic development.